

N.O.M.
NÃO
OBEDEÇAS
MAIS

N.O.M.
NÃO
OBEDEÇAS
MAIS

GUSTAVO SANTOS

100 TEXTOS. SEM CENSURA.
SOBRE LIBERDADE. PELA LIBERDADE.

*A tua Liberdade não acaba onde começa
a do outro, nem tão-pouco onde começa a lei.
Se alguém não for capaz de aceitar a tua verdade,
não tens de deixar de ser quem és; e não há regras que,
em nome dos teus sonhos, não possam ser quebradas.*

Não Obedeças Mais.

NOTA DO AUTOR

Já estava de bilhete comprado para o meu novo romance espiritual e até já tinha iniciado a sua viagem quando, subitamente, me foi colocada uma mão sobre a terceira visão, o lugar onde reside a intuição, deixando-me sem inspiração, sem mais caminho livre para galgar em nenhum dos dois ou três lugares do mundo de onde me preparava para contar a história.

Não escrevo de cabeça.

É o coração que me fala, e eu apenas transcrevo o que oiço.

Às escuras, sem esse acesso ao divino, não consigo dar corda às palavras nem manifestar a pureza da minha intenção.

Quanto ao breu, não o percebi logo, mas aceitei-o de imediato.

Sou disciplinado, e por isso sei o que posso esperar de mim sempre que inicio mais uma epopeia literária. Mas também sou coerente com o que sinto e perspicaz a ponto de saber, à partida, que, se me estão a toldar a visão para um lado, é porque preciso de olhar para o outro.

Não me obrigo a nada.

Nem sequer obedeço cegamente à minha cabeça, só porque me habituei a ser de uma determinada maneira.

Soube esperar.

Qualidade cada vez menos rara em mim.

Passaram-se, portanto, cerca de dois meses.

O que significava, olhando para os meus parâmetros de escrita, que, se tivesse mantido a escrita do tal romance, já teria seguramente ultrapassado a metade do livro.

Questionei-me algumas vezes sobre isso.

Mas nenhuma culpa. Nenhuma pressão.

Havia uma explicação.

Há sempre uma explicação. E ela vem sempre do céu.

Há largos meses que me sentia preenchido, nutrido e alinhado com uma grandiosa missão. Mesmo parando abruptamente de escrever, algo muito ligado ao meu propósito maior nesta vida, permanecia iluminado e o meu coração continuava a voar tão alto quanto a minha vontade de viver.

E isto é incomum.

Sempre que escrevo, sinto-me maior relativamente a mim. E sei porquê. O amor daqueles que, invisíveis, me acompanham ao longo do processo é imensurável e a consciência que dividem comigo agiganta-me a ponto de conseguir tocar em Casa e ser vizinho das estrelas.

Mas, enfim, foi como se a falta de inspiração para o livro que começara a escrever, na verdade, não resultasse em escassez alguma.

O meu regresso às redes sociais, alguns meses antes, estava a honrar essa sensação de soberania da minha essência sobre as minhas limitações humanas e estava a alimentar esta constante necessidade de semear amor e Liberdade, esteja onde ou com quem estiver.

E lá me encontrava eu, há já muitas noites e muitos dias, numa espécie de miradouro secreto, observando o estado do mundo e das pessoas que o fazem como quem observa pássaros, pacientemente, tirando notas e arrepiando-me com uma ou outra espécie de voos e azáfamas. A diferença é que este mundo que via era uma gaiola e a maior parte das pessoas que fitava viviam nela. Umas, tranquilamente, como se tivessem nascido para

aquilo; outras, em sofrimento, por quererem sair do aperto em que se haviam metido e voltar a ser como aqueles que não se deixaram convencer nem apanhar e por isso cruzavam os céus, indiferentes à censura dos aprisionados, à discriminação dos cobardes e às ameaças do S.I.S.T.E.M.A., grupo restrito de gente autora de uma Agenda perigosa que visa o fim da Liberdade do povo em prol de mais poder, mais controlo e maiores receitas.

Eu era uma dessas pessoas.

Um pássaro livre que observava o resto da passarada.

Uns emocionavam-me, poucos; outros, muitos, mexiam-me com as entranhas, tamanha era a obediência e a ausência absoluta de espírito crítico e vivo.

Tinha de me mexer.

Não consigo ficar quieto quando ganho consciência de alguma coisa.

E foi então que abri as asas e voei, como sempre faço, para a linha da frente, lugar onde a mudança nasce primeiro.

Fui apedrejado. Fui traído. Fui rotulado. Fui discriminado. Fui separado.

Nada que não soubesse.

E, na verdade, tudo a que estou habituado desde menino.

Nada me fez moça.

Tenho ossos duros de roer, uma cabeça à prova de bala como o carro do papa e um coração dentro do qual cabem todos, sem exceção, mesmo os agressores, os inconscientes e os preguiçosos.

E foi num desses momentos de contração externa quase absoluta que a Liberdade que vive em mim rasgou todas as limitações impostas e se expressou mais alto do que a soma da altura de todos os medos invocados e disseminados.

Direcionei a cabeça, finalmente, para onde devia olhar, e foi então que a tal mão se descolou da minha testa e me deixou ver o caminho que tinha de fazer e o que tinha, realmente, de deixar escrito.

Agora.

Este livro não é, portanto, um ato rebelde. É uma declaração de direito num mundo torto.

Não é fruto do acaso. É um pedido que me foi feito superiormente e que estou a respeitar.

Nem é sobre a pandemia ou sobre a invasão russa da Ucrânia ou sobre os interesses obscuros dos EUA e da Europa nessa guerra. Não é sobre a nova crise económica ou sobre a desgraça que acontece todos os dias no Médio Oriente ou em África e ninguém quer saber.

Este livro é sobre o que tu podes ser se escolheres a Liberdade. É sobre tudo o que podes questionar e criar se confiares mais em ti e obedeceres menos àquilo que te impingem a todo o custo e a cada susto.

Este livro é uma machadada na mentira.

E quem o ler de fio a pavio, quem o ingerir e digerir, quem o vestir sempre que sair à rua e quem com ele se quiser comprometer, porque ele representa o que de mais sagrado há em nós enquanto almas e gente, nunca mais será o mesmo.

Há um caminho a percorrer.

Estreito e extenso, bem o sei; cheio de percalços e de desapegos obrigatórios, também o sei; mas que tem de ser feito.

Ou isso ou entregar, literalmente, o ouro (a nossa Liberdade) aos bandidos.

Não Obedeças Mais.
16 de março de 2022

PRÓLOGO

Quando iniciei a minha aventura literária, há duas décadas, o meu único propósito era que as pessoas se amassem através da verdade que lhes habitava o coração.

Nunca relevei, portanto, julgamentos nem me senti pessoalmente atingido com piadas de mau gosto ou por ser constantemente ridicularizado pela aridez de consciência de uns e outros.

Como referi, a minha missão era levar amor-próprio a quem me lia. Não era, não é e nunca será ser aceite ou aclamado por todos.

Já teria deixado de escrever se assim fosse.

Também não tenho religião, não tenho partido político, não sigo filosofias de vida, não pertenço a seitas nem sou de modas ou tendências.

Sou livre.

E sei que só seguindo o que intuo posso continuar a sê-lo.

Com este livro, retrato fiel de quem sou e daquilo em que acredito, aprofundo ainda mais essa necessidade de cada um se comprometer com a sua própria verdade, de forma que atinja a liberdade ilimitada que tem e que ninguém nem organização nenhuma lhe pode dar ou roubar.

Mas para isso há que tirar o medo da vontade, há que enfrentar o S.I.S.T.E.M.A., olhos nos olhos, porque se há um ponto fraco do medo, é, sem sombra de dúvida, ser olhado de frente.

Quem tem medo de finais, tem medo de desapegar, tem medo de recomeçar, tem medo de mudar, tem medo de viver.

Quem tem medo de finais, esqueceu-se de como são épicos os inícios.

E nós temos, todos, de reiniciar.

A bem ou a mal.

Nestas páginas, viverás, então, o teu combate pessoal.

Serás tão abanado como acolhido.

Sentir-te-ás tão só como acompanhado; tão cansado como renovado; tão revoltado como apaziguado.

Nem sempre fui delicado, confesso; algumas vezes fui agitador, tempestuoso, acusatório.

Em alguns dos textos, perceberás que perdi a paciência; outros, chamar-me-ás amoroso.

Mas assim sou eu, fluido como a água que nunca se aquieta.

Será polémico.

Mas, também, num mundo cheio de mentiras, qualquer verdade é polémica.

Se preferisse que ninguém me julgasse, ficava calado.

Se preferisse que ninguém me invejasse, ficava quieto.

Se preferisse que todos gostassem de mim, obedecia, obedecia, obedecia.

Mas não. Prefiro continuar a ser livre!

E Liberdade que é Liberdade não tem medo; é expressão, é movimento, é amor-próprio.

Liberta-te.

Não Obedeças Mais.

Um

LIBERDADE: VERDADE E CONSEQUÊNCIA?

A primeira verdade que tem de vir ao de cima é a de que a Liberdade, tal como no-la ensinaram, primeiro em casa, depois na escola e, por fim, no labirinto social onde quase todos nos conformamos, está assente numa enorme mentira.

As pessoas só são «livres» se cumprirem, à risca, a lei erigida por gente gananciosa por dinheiro ou atenção, obcecada por poderes diversos, e se acreditarem nas suas histórias sem questionar cenários, por mais podres, obsoletos ou duvidosos que sejam.

Caso contrário, são ostracizadas.

Ora, isso não é Liberdade.

Nenhum ser absolutamente obediente é livre.

A Liberdade que a obediência traz é proporcional ao efeito de uma roda para um rato.

O bicho é livre de a percorrer sempre que quiser e as vezes que lhe apetecer, mas, na verdade, por mais quilómetros que faça, na tentativa de se entreter ou fugir, não sai do lugar onde está, e o mais certo é que ainda esteja vivo porque deve fazer parte de uma qualquer experiência em prol da ciência ou do sadismo humano.

Esta é a verdade nunca contada.

A de que a Liberdade no nosso modelo de sociedade é uma mentira e é altamente condicionada por interesses maiores, onde

tu podes ser a experiência e até o rebuçado que entretém o sádico.

Mas ela existe.

Eu sei que ela existe.

E está em cada um de nós, sejamos nós quem formos ou de onde formos, mas só aqueles que têm corações destemidos dão com ela.

Uma vez descoberta e assumida, duas filhas são paridas: a responsabilidade e a consequência.

A primeira desafia-te a seres dono de ti mesmo, a declarares-te como único responsável pelo estado em que se encontra a tua vida. A segunda prepara-te para o amor incondicional, apresentando-te, consecutivamente, testes de dor e superação, julgamento e perdão, desapego e aceitação.

Todas as pessoas assumidamente livres são ameaçadoras.

O amor que nos tricota, o poder pessoal que nos agiganta e a confiança que nos preenche de norte a sul, e que investimos em cada decisão, são bombas nucleares para o sistema.

E é por isso que os seus agentes ripostam.

Tentam contrair-nos ainda mais, implementar mais não sei quantas obrigações, patrocinar campanhas cada vez mais alarmistas e difundir mentiras, umas atrás das outras, que desfaçam, pelo menos, aqueles que gravitam à nossa volta de forma que sintamos, também nós, uma dúvida que nos abrande, uma revolta que nos tire o foco ou uma solidão que nos enfraqueça.

Tudo em vão.

É impossível domar seja quem for que não tenha medo de consequência nenhuma; nem da própria morte, porque sabe que ela é libertadora.

Além disso, somos capazes de cuidar sem nos desgastarmos, de ouvir sem nos sentirmos atingidos, e sabemos, porque somos livres, afastar-nos se, em algum momento, determinada pessoa ou situação deixar de ser saudável para nós.

Mais ainda, a solidão também não nos assusta, não nos fragiliza; antes pelo contrário.

Conhecemo-la bem de outros tempos, durante os quais a atravessámos para nos descobrirmos.

E se hoje há Liberdade em nós, é porque percorremos, sozinhos e à sua procura, muitos quilómetros pelo nosso passado é porque questionámos, vezes sem conta, quem somos e o que queremos.

E, isto, ninguém no-lo tira.

É impossível, portanto, que nos desliguem da corrente que nos alimenta, sejam quais forem as sequelas.

O amor é o maior gerador de energia à face da Terra, o grande catalisador da mudança e, ao mesmo tempo, um escudo impenetrável que nos protege de todo e qualquer tipo de investida.

Não obedecer é poder duvidar de qualquer «verdade» e questionar todas as consequências.